

A correlação entre o processo de hesitação e o tipo textual: aspectos da fala do interior paulista

RESUMO

Considerando a Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN, 2006) dos estudos de interação fase a fase, neste trabalho, investigamos o funcionamento das hesitações na fala semi-espontânea, e a possibilidade de as hesitações apresentarem uma relação com tipos textuais. O corpus é oriundo de gravações de interação face a face, constituindo inquéritos entre documentador e falante, proveniente do português falado na região noroeste do estado de São Paulo, os quais integram o Banco dos Dados Iboruna do projeto ALIP (GOLÇALVES, 2007). Os resultados demonstram para a possibilidade de as hesitações revelarem relação com tipos textuais, e que há certa regularidade de usos de determinadas hesitações com os tipos de textos, sendo as mais frequentes as pausas não preenchidas seguidas das pausas preenchidas, porém observamos que o tipo de entrevista parece fornecer uma predisposição para determinados usos de hesitações.

PALAVRAS-CHAVE: Perspectiva textual-interativa. Hesitação. Tipos de textos.

INTRODUÇÃO

Este artigo discute questões relativas à constituição do texto falado, ou seja, da oralidade, como atividade sócio-comunicativa (cf. JUBRAN, 2006), e tem por objeto de estudo a hesitação, e considera a língua em uso como uma atividade interativa, e enquanto fenômeno empírico, a interação se processa por meio de um texto (oral/escrito). Sobre isso, Jubran (s/d) “**o texto, tomado como objeto de estudo**, é considerado não como produto estanque de uma interlocução verbal, mas como processo dinâmico sujeito a pressões de ordem interacional, **que se mostram na materialidade linguística do texto**”. Assim, o texto é entendido como resultado do processo de interação face a face, em que se buscam “pistas” do desempenho linguístico, ou seja, o modo de como a língua é processada em interação.

Essa perspectiva se fundamenta na concepção da linguagem como interação social e considera o caráter sistemático dos procedimentos de construção textual², que podem ser constatados por suas marcas formais. Assim, a Perspectiva Textual-Interativa (doravante, PTI) é utilizada como quadro teórico que serve de sustentação a esta pesquisa, pois coadunamos com Jubran (2006) ao considerar que o processo de *hesitação* é decorrente da construção da interação face a face.

A leitura dos estudos desenvolvidos pelos pesquisadores vinculados ao denominado “Grupo do Texto”, decorrente do Projeto da Gramática do Português Falado, do qual Luiz Antônio Marcuschi (UFPE) fez parte, possibilita-nos reconhecer dois tipos de discontinuidades, que são focalizados como fenômenos intrínsecos da oralidade: a *hesitação* e a *interrupção*, que são atividades decorrentes do processamento *on-line*. A *hesitação* não tem estatuto informacional e não faz parte da estrutura sintagmática do segmento no qual ocorre, mas com um importante papel de indicar processos cognitivos e estratégias linguísticas em elaboração. “Ela revela o jogo interacional de manutenção, tomada e concessão de turnos, já que cria momentos privilegiados de troca ou permanência de falantes, dependendo da modalidade de recurso hesitativo empregada” (JUBRAN, 2006, p. 34). As *interrupções*, por sua vez, “são efetuados pelos falantes com o propósito de introduzir, na progressão do texto, reformulações do que foi dito ou inserções de dados informacionais ou contextuais necessários à compreensão do que está sendo dito” (JUBRAN, 2006, p. 47).

Marcuschi (2006), ao apresentar os resultados sobre o estudo das *hesitações*, aponta que: “**há uma relação entre a hesitação e o tipo de texto**. Essa correlação/diferença ainda não foi feita”, e “a funcionalidade das hesitações pode ainda **estar associada a particularidades de determinados contextos interacionais**” (MARCUSCHI, 2006, p. 68, grifos nossos)³. Além disso, Marcuschi (2006), sobre a hesitação, expõe que há uma sistematicidade desse processo, bem como não é aleatório, e

[...] a hesitação não se acha aleatoriamente distribuída na estrutura organizacional do enunciado, mas obedece a alguns princípios gerais de distribuição e serve também como indicação de organização sintagmática da língua (MARCUSCHI, 2006, p. 48).

A respeito do assunto, Marcuschi (2006) considera que a hesitação é um fenômeno textual-discursivo que atua no plano do processamento do texto ligado à sua emissão e é caracterizada juntamente com a interrupção, como um fenômeno intrínseco da oralidade. Nessa perspectiva, Marcuschi (2006) discorre.

De maneira geral, a posição mais frequente da hesitação se acha no ato da construção de sintagmas. Isso permite considerar a hesitação como **indicador de dificuldade de construção de constituintes oracionais ou de ligações de constituintes**. Por vir no início de estruturas, parece que a hesitação de fato se relaciona com o planejamento linguístico. [...] As hesitações, ao contrário das repetições, por exemplo, não são estratégias de formulação textual, e **sim indícios ou sintomas de dificuldades de processamento cognitivo/verbal** localizado na estrutura sintagmática (MARCUSCHI, 2006, p. 63, grifos nossos).

Conquanto Marcuschi (2006) considere a hesitação como indício ou sintoma de dificuldade de processamento cognitivo/verbal, ao tratar do tema, considera que o mecanismo da hesitação “pode ter motivações discursivas, preservando a fluência. Assim, fluência discursiva e descontinuidade sintática não formam uma dicotomia, já que dizem respeito a níveis de observação diversos” (MARCUSCHI, 2006, p. 49)⁴.

Partindo da premissa de que a língua é uma atividade sócio-comunicativa (cf. JUBRAN, 2006), e no estudo dessa atividade, devem-se levar em conta suas principais condições de efetivação, embasarmos na PTI (JUBRAN, 2006), que toma como objeto de estudo a construção do texto

Assim, avaliando o que foi exposto até aqui, é possível vislumbrarmos a ocorrência da hesitação no processo de formulação do texto na interação face a face e que há uma possível relação entre a hesitação e o tipo de texto, isso posto, tem-se como proposta, neste artigo: (i) descrever, numa perspectiva textual de orientação interacional, a sistematicidade do processo de hesitação no português falado do interior paulista; (ii) avaliar as possíveis correlações entre a ocorrência do processo de hesitação nos diferentes tipos de textos da amostra *Iboruna*⁵, bem como suas características, com a finalidade de encontrarmos regularidades de usos das hesitações.

Este artigo compreende, além da introdução, cinco seções, a saber: a primeira é destinada a revisão dos principais conceitos da hesitação, bem como uma possível reelaboração do quadro de funções das hesitações apresentadas por Marcuschi (2006); na segunda seção, apresentamos a metodologia aqui utilizada; na sequência, identificamos a sistematicidade das hesitações nos tipos de textos do *Iboruna*; na quarta seção, verificamos se há tipos de hesitações mais característicos em cada tipo de texto; e ao final, são dispostas nossas considerações, seguida das referências utilizadas.

Conforme afirmamos neste texto, consideramos a língua em uso como uma atividade interativa, fundamentados, fortemente, pela perspectiva teórica aqui assumida, a PTI, e enquanto fenômeno empírico, vale lembrar que a interação se processa por meio de um texto. Sobre isso, destacamos a proposta de Jubran (2007).

A leitura do conjunto da produção dos pesquisadores vinculados ao chamado “Grupo do Texto” do PGPF possibilita o rastreamento de um aparato de investigação que aponta para uma proposta teórica de abordagem do texto, cuja particularidade reside em uma concepção de Gramática na qual **o texto, tomado como objeto de estudo**, é considerado não como produto estancado de uma interlocução verbal, mas como processo dinâmico sujeito a pressões de ordem interacional, **que se mostram na materialidade linguística do texto**. (JUBRAN, 2007, grifos nossos).

Com base nessa afirmação de Jubran (2007), fica clara a relação de nossa análise com o texto produzido em uma interação face a face. Portanto, concordamos com a autora, quando afirma que, na materialidade linguística do texto, processa-se o objeto de estudo e, nesse caso, a ênfase na busca de “regularidades” no sistema de desempenho linguístico. Assim, o texto é entendido como resultado do processo de interação face a face, em que se buscam “pistas” do desempenho linguístico, ou seja, o modo de como a língua é processada em interação.

De acordo com Marcuschi (2006), a hesitação “[...] tem como característica básica o fato de constituir evidentes rupturas da fala, na linearidade material, em pontos sintática e prosodicamente desmotivados, mas que não são aleatórios” (MARCUSCHI, 2006, p. 49). Ainda, em tema, Marcuschi (2006) aduz que

[...] parece perfeitamente possível observar a hesitação com o status informacional dos elementos linguísticos em cujos contextos ou fronteiras ela ocorre. Tem um papel pragmático considerável e não passa despercebida pelos falantes (MARCUSCHI, 2006, p. 49).

Considerada como um fenômeno intrínseco da oralidade, a hesitação atua no processamento do texto, ligada à sua emissão, e o Marcuschi (2006, p. 48) a define que

[...] as hesitações têm a função de ganhar mais tempo para o planejamento/verbalização do texto, sendo condicionadas por pressões situacionais das mais diversas ordens a que estão sujeitos os interlocutores (MARCUSCHI, 2006, p. 48).

Juntamente com a interrupção, a hesitação integra os processos de descontinuidades observáveis no texto, que constituem “fenômenos intrínsecos da oralidade [...] que não se constituem propriamente como estratégias de formulação textual, e sim como atividades de processamento *online*” (JUBRAN, 2006, p. 32). A interrupção, nesse contexto,

[...] tem diferentes finalidades, pois cortes sintáticos ou lexicais são efetuados pelos falantes com o propósito de introduzir, na progressão do texto, reformulações do que foi dito ou inserções de dados informacionais ou contextuais necessários à compreensão do que está sendo dito (JUBRAN, 2006, p. 47).

É importante frisar que outros autores, como Chacon e Schulz (2000), Nascimento e Chacon (2006) e Vieira (2009), entendem o fenômeno da hesitação a partir de outro quadro teórico e baseiam-se nos estudos enunciativo-discursivos desenvolvidos especialmente por Authier-Revuz (VIEIRA, 2009). Sem nos aprofundarmos nessa corrente teórica, apontamos a definição apresentada por Nascimento e Chacon (2007 *apud* VIEIRA, 2009). Para os autores,

[...] as hesitações se constituíam em momentos de tensão com foco em vários elementos envolvidos no processo discursivo, ou seja, [...] elas marcariam momentos em que a negociação com outros específicos estaria sendo problemática para o sujeito, alterando a unicidade (aparente) do discurso (NACIMENTO; CHACON, 2007 *apud* VIERA, 2009).

Retomando Marcuschi (2006), seu trabalho é realizado sob a perspectiva textual-interativa com base em dados extraídos de 231 minutos de fala de 11 textos do Projeto NURC. Após apresentar a definição e características das hesitações, o autor considera que as hesitações são materializadas no texto por meio de determinados fenômenos (cf. MARCUSCHI, 2006, p. 50), conforme:

- a) fenômenos prosódicos: pausas, geralmente prolongadas, e alongamentos vocálicos;
- b) expressões hesitativas: *éh, ah, ahn; mm;*
- c) itens funcionais: artigos, preposições, conjunções, pronomes, verbos de ligação;
- d) itens lexicais: substantivos, advérbios, adjetivos, verbos;
- e) marcadores discursivos acumulados: *sei lá; quer dizer sabe; então né ah etc;*
- f) fragmentos lexicais: palavras iniciadas e não concluídas.

Apesar de considerar esse quadro acima para as hesitações, o Marcuschi (2006) preocupa-se em afirmar que esses fenômenos não formam uma tipologia

das hesitações e que são apenas diversas marcas empíricas de sua materialização.

Discordamos de Marcuschi (2006) no que se refere aos itens funcionais (c) e aos itens lexicais (d), pois não representam marcas formais de hesitação. Consideramos que são itens linguísticos sobre os quais pode recair um fenômeno hesitativo, como, por exemplo, prosódico (a) ou a fragmentação lexical (f).

Em relação aos fenômenos prosódicos, as pausas são distinguidas das pausas de juntura que aparecem entre grupos fonêmicos ou nas fronteiras sintáticas entoacionalmente marcadas e que não formam hesitações. São consideradas hesitações os silêncios intraturnos, com certa duração e no contexto de um padrão entoacional característico (reiteração de pausas). Já os *alongamentos vocálicos* com características hesitativas são recorrentes sobretudo em finais de palavras, e geralmente, a estratégia do alongamento em situação de ênfase ou listagem (que se dá na sílaba tônica), principalmente em palavras monossilábicas ou em sílabas finais átonas.

As expressões hesitativas, por sua vez, constituem-se de sons que não realizam palavras lexicalizadas, por exemplo, *áh, éh, ahn, mm*, quase sempre alongados e preenchendo pausas.

Os *itens funcionais* cobrem todos os elementos linguísticos que não têm significação referencial, tal como os artigos, as preposições, as conjunções e os pronomes. Por sua vez, itens lexicais ocorrem, principalmente, entre os verbos de uma ou duas sílabas em grande parte, como em: *realmente há há um/ maior procura de engenheiros* (MARCUSCHI, 2006, p. 54).

Os critérios usados para a identificação dos marcadores discursivos acumulados são o acúmulo de marcadores que forma conjuntos que se agregam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas. Por fim, os *fragmentos lexicais* são caracterizados por um item duvidoso ou de difícil acesso no momento da formulação textual, caracterizados como palavras iniciadas e não concluídas.

A partir dessa classificação, Marcuschi (2006, p. 56) considera as formas como as hesitações se materializam, e alguns aspectos de natureza formal como a organização sintática e de natureza discursiva como o fluxo informacional. Com isso, o autor sugere uma classificação para os tipos de hesitações, conforme disposto na sequência.

- a) *Pausas não preenchidas*: são realizadas como silêncios prolongados, que se dão como rupturas em lugares não previstos pela sintaxe⁶;
- b) *Pausas preenchidas*: caracterizam-se por ocorrências de expressões hesitativas do tipo *éh, hm, ah*, e certos alongamentos vocálicos, nos casos em que esses alongamentos não recaem em sílabas tônicas nem são funcionais para efeitos expressivos;
- c) *Repetições hesitativas*: são repetições de itens funcionais, itens lexicais ou marcadores discursivos;
- d) *Falsos inícios*: são todos os inícios de unidades sintáticas oracionais com algum problema e refeitos ou retomados com elementos dos fenômenos

hesitativos apresentados; excluindo-se os fenômenos prosódicos e as expressões hesitativas.

Notamos que esta classificação, dos tipos de hesitação, não se diferencia, em certa medida, da primeira fornecida por Marcuschi, quando o autor considera os aspectos formais da hesitação. Além disso, observando os tipos de hesitações, estas se enquadram nos fenômenos dos aspectos formais. Diante disso, avaliando os dois quadros elaborados por Marcuschi (2006) para as hesitações, resolvemos, para nossa análise, reestruturarmos em uma única classificação para as hesitações. Na continuidade, expomos nossa reelaboração, Quadro (1).

Quadro 1. Tipos de hesitações⁷

- | |
|---|
| <p>a) Pausas não preenchidas.</p> <p>b) Pausas preenchidas: i) alongamentos vocálicos e consonantais; ii) expressões hesitativas.⁸</p> <p>c) Repetições hesitativas: i) itens funcionais; ii) itens lexicais.</p> <p>d) Acúmulo de marcadores discursivos.</p> <p>e) Fragmento lexical: corte lexical, isto é, a quebra que se verifica ocorre no interior da palavra.⁹</p> |
|---|

Fonte: Do autor.

Considerando, então, o que foi exposto, e a proposição colocada por Marcuschi (2006) da possível correlação entre a ocorrência do processo de hesitação com o tipo de texto, na seção seguinte, passamos a analisar a sistematicidade das hesitações na fala do interior paulista a partir de nossa reelaboração, conforme Quadro (1).

2. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Os dados que foram utilizados para esta análise são integrantes do Banco dos Dados Iboruna do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista) (GOLÇALVES, 2007)¹⁰ constituído com amostras do português falado na região noroeste do estado de São Paulo, mais especificamente na região delimitada por São José do Rio Preto e seis cidades que lhe fazem fronteira.

Para a presente pesquisa utilizamos amostras de fala, tecnicamente denominadas **Amostra Censo** ou **Amostra Comunidade (AC)**, coletadas de acordo com os critérios da sociolinguística laboviana (LABOV, 1972, VOTRE; OLIVEIRA, 1995), que envolveu o controle rigoroso das seguintes variáveis sociais: a) **sexo/gênero** (masculino, feminino); b) **faixa etária**, estratificada em cinco níveis (7 a 15 anos, 16 a 25 anos, 26 a 35 anos, 36 a 55 anos, + de 55 anos); c) **escolaridade**, estratificada em quatro níveis (1º. ciclo do EF, 2º. ciclo deo EF, Ensino Médio e Ensino Superior); d) **renda familiar**, estratificada em quatro níveis (até 5 SM, 6 a 10 SM, 11 a 25 SM, + 25 SM).

Do cruzamento das variantes de cada variável resultou um total de 152 células, que definiram os perfis sociais contatados na comunidade. Assim, AC compõe-se de 152 amostras de fala, com duração aproximada de 40 minutos de gravação. Para o desenvolvimento deste artigo, utilizamos oito inquéritos que

compõem a AC do banco de dados Iboruna, da faixa etária de 26 a 35 anos. Estes inquiridos foram selecionados entre os que, no banco de dados, são representativos de informantes de diferentes níveis de formação acadêmica, conforme Quadro (2).

Quadro 2 - Distribuição e identificação dos informantes da Amostra Censo por variáveis sociais¹¹

RENDA/GÊNERO FAIXA ETÁRIA /ESCOLARIDADE		+ 25 SM		11 A 24 SM		6 A 10 SM		ATÉ 5 SM		SUB-TOTAL DE INF.	TOTAL DE INF.
		MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM	MASC	FEM		
26 A 35 ANOS	1o. C EF	057							064	2	8
	2o. C EF		066					071		2	
	ENSINO M			075			078			2	
	SUPERIOR				084	085				2	

Fonte: Gonçalves (2008).

As amostras de AC foram direcionadas para obtenção de cinco tipos de textos de cada informante, com base na metodologia exposta em Votre e Oliveira (1995 *apud* GONÇALVES, 2008), a saber: *narrativa de experiência pessoal*, *narrativa recontada*, *relato de descrição*, *relato de opinião* e *relato de procedimento*, as quais, em nossa análise, recorremos e consideramos

Aqui é importante destacar que narrativas são bastante frequentes nas entrevistas sociolinguísticas, porque o roteiro das perguntas leva o informante a relatar fatos dinâmicos que se sucederam em determinado tempo e local, envolvendo-o ou envolvendo pessoas de sua convivência. Essa escolha é fundamentada na definição de tipo textual. Em mérito, Marcuschi (2008) define da seguinte forma.

Tipo textual designa uma espécie de construção teórica {em geral uma sequência subjacente aos textos} definida pela natureza linguística de sua composição {aspectos lexicais, sintáticos, tempos verbais, relações lógicas, estilo}. O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor, são modos textuais. Em geral, os tipos textuais abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração*, *argumentação*, *exposição*, *descrição*, *injunção*. O conjunto de categorias para designar tipos textuais é limitado e sem tendência a aumentar. Quando predomina um modo num dado texto concreto, dizemos que esse é um texto argumentativo ou narrativo ou descritivo ou injuntivo (MARCUSCHI, 2008, p. 154, grifos no original).

Assim, Marcuschi (2008) conceitua tipo textual como uma construção teórica, definida pela natureza linguística de sua composição; não são textos inteiros, mas modos textuais. O gênero textual se refere a texto materializado em situação comunicativa. Para esse conceito de gênero textual, predominam critérios de natureza comunicativa e socio-histórica.

3. A SISTEMATICIDADE DAS HESITAÇÕES NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

A partir da classificação disposta no Quadro (2), primeiramente, organizamos a distribuição dos tipos de hesitação em função da quantidade de ocorrências no corpus investigado. As ocorrências estão organizadas de acordo com a frequência de ocorrência e seu respectivo percentual, conforme Tabela 1.

Tabela 1. Distribuição dos tipos de hesitação

Tipo de marca linguística	Quantidade (n)	Porcentagem
Pausas não preenchidas	3035	51%
Pausas preenchidas		
a) alongamentos vocálicos e consonantais	1411	23%
b) expressões hesitativas	139	2,5%
Repetições hesitativas	575	9,5%
Acúmulo de marcadores discursivos	385	6,5%
Fragmento lexical	414	7,5%
TOTAL	5959	100%

Fonte: Autor.

A primeira observação a considerar é a desproporção em relação ao número de ocorrências dos diferentes tipos de hesitações. Na Tabela (1), aparecem as *pausas preenchidas* como as mais recorrentes em toda a amostra, e, por sua vez, os *acúmulos de marcadores discursivos* como os menos frequentes na amostra investigada.

As *pausas não preenchidas* pelo fato de serem mais recorrentes no corpus investigado, são exemplos de atividade de planejamento do discurso e confirmam as palavras de Marcuschi (2006) ao afirmar que

[...] quando o falante tem pouco controle do seu turno, **produz pausas silenciosas maiores**, mas, quando quer manter o controle do turno, as pausas silenciosas diminuem na quantidade e na duração, entrando aí as pausas preenchidas (MARCUSCHI, 2006, p. 67, grifos nossos).

Além disso, o autor salienta que nem todas as pausas são hesitações, e “os silêncios intraturnos, com certa duração e no contexto de um padrão entoacional característico (reiteração de pausas), são prováveis hesitações”. Observamos, nos excertos (01) e (02), as ocorrências de diversas pausas não preenchidas, que são representadas por (...).

(01)

Inf.: ai... vô(u) contá(r) do médico então... [Doc.: hum...] eu tava in(d)o no otorrino foi há:... faz uns dez dias... e:... eu fui... e justo aquele dia eu coloquei um calcete...[Doc.: hum] que é pra ba(i)xo um po(u)co do joelho... me/ meu/ um tamanco... uma blusinha e FUI... e:... porque eu sempre usei esse tamanco com a calça tampando o tamanco assim que é bem... no chão... e fui ao otorrino ... tô

andan(d)o assim e senti uma coisa estranha no pé... hora que eu olhei no pé assim meu tamanco arrebetando...

[AC-066, NE, L-53-59]¹²

(02)

Inf.: tem mais ao fundo tem a:: a que é a porta do refeitório... e na frente do refeitório tem a parte da:: da montagem... onde as peças que sobem da:: da fábrica... é testado... o pessoal limpa [Doc.2: uhum ((concordando))] e embala... embala enca(i)xota e manda pra:: pra inspeção... ai tem uma escada que desce... e dá pro galpão [Doc.2: uhum ((concordando))] no fundo que é:: onde é a fábrica... e lá na fábrica... éh:: tem almoxarifado tem a parte da cromação... a parte da:: fundição:: o:: torno... a linha de montagem inte(i)ra da::... das torne(i)ras é feita... nesse galpão... ao/ à direita um po(u)co mais ao fundo fica... a:: o quartinho... onde é guardado:: todo tipo de... entulho possível ao lado ((risos))³[ao lado]

[AC-085, DE, L-204-212]

Um dado interessante nesse contexto é que o resultado a respeito das pausas não preenchidas difere da afirmação disposta por Marcuschi (2006), em que “[...] a expressão hesitativa por excelência da língua portuguesa falada é *eh* ou *éh*, que aparece com o maior percentual em todos os textos e níveis de formalidade” (MARCUSCHI, 2006, p. 59), porém conforme demonstramos nos resultados, a maior ocorrência é de *pausas não preenchidas*, ou seja, os silêncios na formulação do discurso. Por sua vez, confirmam os resultados Chacon e Villega (2012), os quais, analisarem a fala infantil, também, encontraram uma maior marca desse tipo de ocorrência.

Quanto às *pausas preenchidas*, os alongamentos vocálicos ou consonantais, temos a ocorrência no final de palavras, conforme (03), bem como no interior da palavra, em (04). Notamos que os alongamentos vocálicos que ocorrem no interior de uma palavra, tal como se nota em (05), geralmente, recaem em sílabas tônicas.

(03)

Inf.: éh o:: que aconteceu:: o fato foi o seguinte né? minha mulher trabalha pa avó dela... e:: ela tem um primo que:: mora junto... e:: uns tempo atrás uns TRÊS quatro meses atrás já aconteceu isso já... ele se envolveu nu::/ nu:::ma ro(u)BAda num::

[AC-071, NR, L-90-92]

(04)

ai ele me levô(u) um dia até lá... foi muito gostoso eu conheci to::das as irmãs de::le... os sobri::nhos... foi uma experiência muito gostosa... é eles pergunta::ram quantas pessoas tinha aqui perguntavam de pessoas já faleci::das...

[AC-084, NE, L-20-23]

(05)

é eu achei bonitinho porque minha irmã é::... ela tava indo na igreja... um dia desses num faz muito tempo não... e ela tem hábito de observá(r) muito as coisas... ela observa muito a nature::za ela gosta muito de passari::nho essas coisas... e um dia...

[AC-084, NR, L-87-89]

Alguns alongamentos vocálicos são registrados com acompanhamento de elevação do tom e operam como ênfase. Vejamos este exemplo em (06).

(06)

... o volume de água é MUI::to grande... não sei se é SEMpre assim né? mas... e o ver::de né? é mui::to bonito o ma::to ali é um lugar... muito bonito mesmo... é um lugar que eu conheci que eu achei muito bonito...

[AC-075, NR, L-87-89]

Assim como os alongamentos vocálicos ou consonantais, nas pausas preenchidas, podem ocorrer as expressões *hesitativas*, tais como *éh*, *ah*, *hum* entre outras, conforme evidenciamos em (07a) e (07b).

(07)

(a)

Inf.: então éh::... ela é uma pessoa assim muito amoro::sa... eu conheci ((a filha da informante fala com terceiros)) eu conheci ela... quando eu tinha dezessete a::nos... ela foi uma pessoa que me ajudô(u) mui::to... é uma pessoa assim que::...

[AC-064, DE, L-70-73]

(b)

Inf.: ah ele deu... principalmente pas pessoa lá do::... como fala do o(u)to/ de o(u)tro país né? 6[lá da:]⁶ [Doc.: ham]... África.

[AC-064, RO, L-418-419]

Os exemplos em (07a) e (07b), no corpus investigado, são os mais recorrentes, e ocorrem, em alguns casos, após a pergunta feita pelo documentador, em que o entrevistado, na elaboração da resposta, hesita para então proceder a elaboração da resposta. Acreditamos que a maior frequência de expressões hesitativas no início do discurso seja em decorrência da delimitação/busca do tópico discursivo. Também, encontramos o uso de *expressão hesitativa* durante a produção do discurso, como em (08). Ademais, há exemplos do acarretamento de *expressões hesitativas* com outros tipos de hesitações, no início do discurso, como evidenciado em (09), em que há o uso de

marcador discursivo conjuntamente com pausa não preenchida e expressão hesitativa.

(08)

...naquele corredor eu só consegui vê(r) a minha espo::sa... com a minha filha e o meu filho... né?... e aquela voz dizia assim ao meu ouvido éh:: – “não... éh você não está... com a sua vida perdida... a SUA MÃE...

[AC-057, NE, L-17-]

(09)

Inf.: olha... éh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz sete sete:: ou oito anos mas enfim... de vinte a::...

[AC-057, NE, L-91-93]

Já quanto às repetições, Marcuschi (2006, p. 220) refere que “a repetição não é um descontinuador textual, mas uma estratégia de composição do texto e condução do tópico discursivo”. Concordamos com o autor, porém acreditamos que há pelo menos três tipos de repetições: (i) repetição intraturnos, que ocorrem em diferentes turnos, conforme é evidenciado no exemplo (10), em que o informante estabelece um elo coesivo de retomada de tópico; (ii) repetição de elemento linguístico (11) e (12); (iii) repetição de manutenção de tópico discursivo (13), conforme exemplificamos.

(10)

*Inf.: 3[NÃO] fomos num jantar lá no num:: **restaurante** chamado Rafain... Rafain é... el/*

Doc.: como que era assim?

Inf.: ah o::...

*Doc.: **o restaurante?***

*Inf.: **o restaurante** era muito bonito... dentro dele assim... lá no meio ti/ tinha tipo d'uma::... uma fogue(i)ra - né? F. ((falando com a esposa)) - um negócio assim que tinha no meio dele assim... (e num anda::/)... no::... no dia à noite teve umas*

[AC-075, DE, L-167-177]

(11)

*Inf.: olha... éh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz **sete sete**:: ou oito anos mas enfim... de vinte **a::... a** vinte e um anos mais ou menos... né? e:: quando ela veio a falecê(r) **foi/ foi** uma coisa que choCÔ(u) porque:: aparentemente ela estava apenas com uma gripe... ficô(u) uma semana duas fazen(d)o tratamen::to::... né?*

[AC-057, NE, L-17-21]

(12)

nisso que eu parei o moço foi subindo...[Doc.: hum::] aí eu falei po meu cunhado meu (cunhado) **falô(u)** assim –“vem cá” – **falô(u)** po moço... e ele assustô(u) assim... aí o moço pe/ meu cunhado pegô(u) esse moço... mais deu um safanão mais **falô(u)** TANTo nele... mais **falô(u)**... **falô(u)** –“eu vô(u) chamá(r) a polícia”–... mais **falô(u)** **falô(u)** **falô(u)** **falô(u)** **falô(u)** **falô(u)**... aí ele **falô(u)** assim –“óh minha cunhada vai/ vai/ vai ficá(r) aqui se você/ se eu PERcebê(r) que você tá seguindo ela... eu vô::(u) eu vô(u) chamá(r) a polícia pra você” –

[AC-066, NE, L-24-31]

(13)

Inf.: não não nós ficamo em/ hospedado... e/ em Foz do Iguaçu né?... nós ficamo(s) num **hotel** em Foz do Iguaçu

Doc.: cê lembra como que era o **hotel** assim pro cê descrevê(r) pra mim?

Inf.: NÃO:: o **hotel** até que era simples né?... ¹[o **hotel** num era um **hotel**::]

Doc.: [mas quantas estrelas assim?] (mesmo)

Inf.: NÃO é um **hotel**::... norMAL um **hotel**... comum::... apartamentos comum né? num é um::

Doc.: mas é:: como?... descreve pra mim como que era assim (mesmo)... (num importa)

Inf.: não como é que eu vô(u) descrevê(r) pra você? ²[por ser] ²[Doc.: (inint.) assim] coMUM é/ é:: um/ é um::... **hotel** totalmente (meia) pintado de bran::co né? (fa(i)xa) pintada de branco... os apartamentos::... com ar o::... o::... o banhe(i)ro den::tro né?... as cama simples frigo/ frigo/ frigobar... né?... e... o demais simples assim um **hotel** bem simples mesmo... num tinha nada e/ nós fizemo(s) uma excursão com amigos né?... [Doc.: certo] nós fomo(s) com amigos e::... pegamo(s) esse **hotel** pa ficá(r) lá

[AC-075, NE, L-153-164]

Inf.: ah um/ um **hotel** que eu fiquei uma vez e esse com detalhes que eu achei até interessante foi... numa... um trabalho que nós fomos fazê(r) também em:: Barra Bonita... e esse **hotel** ele era::... na antiga::... quando fizeram a eclusa que tem a eclusa em Barra Bonita né? então nós ficamo(s) bem em frente à eclusa lá... o hotel era um **hotel-fazenda**... então::... esse:: esse **hotel** era um **hotel** BEM assim... éh:: estilo meio colonial mes::mo um antigo que foi reforma::do né? [Doc.: aham ((concordando))] com vários chalés::... o/ a/ o/ o cent/ o ce/ a parte central do **hotel**... que no caso a recepção do **hotel**... ele era bem anti::go... você tipo

[AC-075, NE, L-183-190]

Mais do que uma estratégia de elaboração da língua falada, a repetição é uma formulação bastante presente na oralidade. Por exemplo, avaliando a amostra (75) do *Iboruna*, o indivíduo faz uso de 7.339 *tokens*, porém com 1.429 *types*, sendo o item mais recorrente o uso da expressão “que”, com 189 *tokens*, seguido do pronome “eu” com a frequência de 164 ocorrências, bem como faz uso da expressão “hotel” por 23 vezes durante a entrevista.

Aprofundando o assunto, a primeira referência à palavra “hotel”, ocorre, logo após a pergunta do documentador “Doc.: então tá... éh:: eu queria que cê

contasse uma histó::ria pessoal sua assim” [AC-075, NE, L. 1-2]. Na sequência, o informante passa a relatar uma história, conforme observamos em (14).

(14)

*essa é uma história que eu lembro agora de momento... (inint.) éh:: uma o(u)tra que eu me lembro também foi que:: quando::... eu sô(u) representante comercial né? e a empresa nós fomo(s) fazê(r) um trabalho em::... um **hotel fazenda perto de Bauru...** e aí num:: dia à noite depois do jantar quando tava lá nesse hotel*

[AC-075, NE, L-14-18]

Após a introdução do tópico hotel, o informante, como apontamos em (13), faz uso deste item linguístico por mais 22 vezes e encerra o uso desta expressão antes de iniciar o relato de procedimento e, na sequência, não faz mais uso do item linguístico “hotel”, bem como dá continuidade de outro tópico discursivo. Vejamos em (15).

(15)

*[Doc.: hum] é um **hotel** bem bonito que eu fiquei tam(b)ém que... que eu me lembro*

RP

Doc.: bom... cê sabe cozinhá(r) alguma coisa?

Inf.: ovo cozido... [Doc.: ((risos))] ovo cozido eu sei ((risos))... (não) eu tô brincan(d)o eu/... FAZ TEMpo eu antes eu::... me aventurava um po(u)quinho mais na cozinha mas num era gran::de coisa é um pouc/ SEI fazê(r) que::... me disseram que eu... faço bem... é a galinhada né? galinhada na cerveja

[AC-075, NE, L-202-210]

Com isso, notamos que a repetição colabora na elaboração do planejamento linguístico, principalmente, na organização tópica do discurso. Dessa forma, de acordo com o referido, há três tipos claros de repetições, sendo a mais recorrente aquela o informante estabelece como elo coesivo de retomada de tópico.

Sobre o tópico discursivo, Jubran (2006, p. 90) infere que “o tópico discursivo se torna um elemento decisivo na constituição de um texto falado, e a estrutura tópica serve como fio condutor da organização textual-interativa”. Além disso, encontramos nas palavras da autora que “as repetições, uma das estratégias de construção textual mais presentes na oralidade, podem introduzir, reintroduzir, manter ou delimitar tópicos”. Segundo o destacado em (14), após introduzir o tópico, o informante faz uso de repetições, com a finalidade de manutenção e delimitação de determinado tópico.

No tocante aos marcadores discursivos, primeiramente, é importante considerar as observações de Jubran (2006).

Há marcadores discursivos que têm por função dominante promover, como nexos coesivos, a articulação de segmentos do discurso. Eles são basicamente sequenciadores e, no que diz respeito à organização tópica do texto falado, estabelecem aberturas, encaminhamentos, retomadas e fechos de tópicos, em posição inter ou intratópicas (JUBRAN, 2006, p. 111).

Como tratamos aqui das marcas de hesitações, e dos acúmulos de marcadores discursivos, nesta pesquisa, classificamos somente os acúmulos de Mds, conforme (15) e (16).

(15)

Inf.: olha... éh tô com vinte e oito HOje hum:: ah deveria tê(r) aí:: não me recordo às vezes eu me confundo se faz sete sete::

[AC-057, NE, L.17-18]

(16)

Inf.: [ah é... é] olha tem:: algumas mas o que eu me lembro agora no momento é essa daqui... (um certo) dia nós tamos lá no merca::do tal trabalhan::(d)o (desenvolvendo) ali na produção aí começô(u) um comentário sobre uma história o meu gerente::

[AC-057, NR, L.119-]

Nos exemplos (15) e (16), dá-se o uso de olha como MD, e, de acordo com Risso (2006), no texto falado, “[...] os marcadores bom, bem, olha, ah constituem-se como segmentos prefaciadores, proferidos pelo locutor como formas especiais de adiamento de um conteúdo tópico, durante a interação” (RISSO, 2006, p. 470). Ainda sobre o assunto, os autores destacam que eles são em comum desencadeados, no curso da fala, como parte ou totalidade de atos verbais preparatórios de declarações seguintes.

Ressalta Marcuschi (2006) que o acúmulo de MDs é problemático, uma vez que os MDs são

[...] problemáticos na sua identificação, pois eles se confundem com as demais manifestações de hesitação. Trata-se de marcadores que formam conjuntos que se acumulam num certo momento e realizam-se com marcas prosódicas típicas (MARCUSCHI, 2006, p. 54-55).

Por fim, encontramos três tipos de recorrências para os fragmentos: (i) fragmento lexical seguido da palavra correspondente completa (17); (ii) fragmento lexical (18); (iii) fragmento seguido de adequação morfossintática (19).

(17)

Inf.: 1[aquelas] aquelas argolinhas da corrente vai soldan(d)o uma na o::(u)tra devagar vai fechan(d)o... tem corrente de:: que fala três e UM... é três elos pequeno e um grande... um e um é tudo elo peque/ pequeno...quatro e um é quatro elo **peq/pequeno** e um grande... tem vários modelo po cê fazê(r) uma corrente... e aí...

[AC-071, RP, L-222-225]

(18)

Inf.: por o(u)tro lado a renda familiar tá cain(d)o bastante [Doc.2: hum] e o(u)tra tá **aumen/** a quantidade...

[AC-085, RO, L-316-317]

(19)

na hora da dor ali resolve ali a reconciliá(r) fica **aquela/ aquele** peso na consciência – “ por que que não reconciliei an::tes?

[AC-057, NE, L-65-66]

De acordo com Fávero, Andrade e Aquino (2006, p. 256), os exemplos supraindicados são caracterizados como hesitações, pois são usos feitos durante a formulação/linearização, “caracterizando-se por seu aspecto prospectivo, já que tem como escopo algo que vem depois”.

Considerando que as hesitações em geral se constituem de vários elementos acumulados, temos ocorrências de fenômenos hesitativos, em que observamos, por exemplo, a ocorrência de vários itens hesitativos, exemplo em (20), *pausa não preenchida, pausa preenchida (alongamento vocálico) e repetição*; ou, ainda, em (21), *fragmento lexical* conjuntamente com *repetição*.

(20)

[Doc.: hum::] dentro d’uma bolsa... **aí** a hora que a diretora foi lá chamá(r) ele... ele saiu só c’o caderno... sem a bolsa falô(u) que num tinha ⁴[que num tinha] ⁴ [Doc.: a arma] a bolsa num tinha a bolsa num tinha nada... **aí a hora aí a::... a::** polícia o policial foi na classe e perguntô(u)... e **aí** eles entregaram a bolsa e a hora que abriu a bolsa a arma ⁵ [tava dentro da bolsa]...

[AC-078, NE, L-62-66]

(21)

hoje ela tem seis anos né?... e:: comecei namorá(r) cedo né? eu comecei namorá(r) com treze anos... e logo... logo depois me casei... e **i/ e isso** foi o que me marcô(u) muito né? porque foi... logo... assim::... praticamente entrei na adolescência né?...

[AC-064, NE, L-11-14]

Considerando, então, nosso primeiro objetivo, descrever, numa perspectiva textual de orientação interacional, a sistematicidade do processo de hesitação no português falado do interior paulista, pode-se dizer que a reelaboração proposta por nós, conforme o Quadro (2) se mostrou produtiva, e a observação sistemática dos diferentes tipos de hesitações forneceu um potencial modelo de análise, o que nos serviu para oferecer um panorama de usos das hesitações no corpus investigado, bem como permite-nos compreender os recursos e as estratégias de que se valem os interlocutores na entrevista sociolinguística. Além disso, podemos afirmar que há uma diferença significativa de uso entre os diferentes tipos de hesitações, conforme se observa nas frequências de usos.

A partir desse quadro de usos das hesitações, na seção seguinte, passamos a avaliar as possíveis correlações entre a ocorrência do processo de hesitação nos diferentes tipos de textos da amostra *Iboruna*, bem como suas características, com a finalidade de encontrarmos regularidades de usos das hesitações.

4. A RELAÇÃO ENTRE AS HESITAÇÕES E O TIPO DE TEXTO NA FALA DO INTERIOR PAULISTA

Após investigarmos os contextos de uso do processo de hesitações no *corpus* na fala do interior paulista, indicamos os resultados em relação à sistematicidade das hesitações nos tipos de textos do *Iboruna* e, com isso, apontamos se há tipos de hesitações mais característicos em cada tipo de texto.

Para tal, primeiramente, dispomos a distribuição de hesitações por informante na amostra investigada (Apêndice 1) e, na Tabela 2, os resultados dos tipos de hesitação em relação ao tipo de texto.

Tabela 2 – Distribuição dos tipos de hesitação vs. Tipo de texto

Tipo de marca linguística	Tipo de texto					TOTAL
	NE	NR	DE	RP	RO	
Pausas não preenchidas	746	544	548	490	707	3035
Pausas preenchidas						
a) alongamentos vocálicos e consonantais	350	251	310	223	277	1411
b) expressões hesitativos	25	13	23	28	50	139
Repetições hesitativas	132	122	121	82	118	575
Acúmulo de marcadores discursivos	91	72	84	47	91	385
Fragmento lexical	92	83	81	59	99	414
TOTAL	1436	1085	1167	929	1342	5959

Fonte: Autor.

De imediato, chama atenção o alto uso de *pausas não preenchidas* no *corpus* investigado em relação aos demais usos de hesitações, conforme já adiantamos na seção anterior, porém encontramos uma maior ocorrência desse tipo de estratégia em textos de NE e RO em relação aos demais tipos de textos. Além disso, detectamos uma maior distribuição de *alongamentos vocálicos e consonantais* em narrativas de experiência pessoal e relato de opinião. Nesses tipos de texto, também, há maior uso de *acúmulos de marcadores discursivos* e

fragmento lexical em relação aos demais tipos de hesitações; já as *repetições hesitativas* são menos frequentes em RP, e as *expressões hesitativas* são mais recorrentes em NR.

Considerando a distribuição das hesitações por tipo de texto, percebemos certa regularidade no uso das hesitações, em que temos a seguinte ordem de usos: *as pausas não preenchidas*; na sequência, *alongamentos vocálicos e consonantais*; e na continuação, *repetições hesitativas*, em todos os tipos de textos. Em relação aos totais por tipo de texto, sem considerarmos o tipo de hesitação, individualizamos menor uso de tipos hesitações no discurso *relato de procedimento*, e o tipo de texto que mais favoreceu o uso de tipos de hesitações foi o *relato de experiência pessoal*.

Sobre o assunto, Oliveira (2002) destaca que ao final das fases de uma narrativa, as pausas produzidas são, em geral, de longa duração, com objetivo de marcar o término de um conjunto de enunciados de mesmo valor semântico. Souza e Silva e Koch (2002), por sua vez, comentam que a hesitação constitui uma estratégia de desaceleração do texto falado, e faz parte da atividade da construção da interação face a face, sendo parte integrante da competência comunicativa.

Acreditamos que o resultado de usos de hesitações em relação ao tipo de texto advém do modelo de entrevista presente no banco de dados do *Iboruna*, pois o modelo de entrevista fornecido, entrevistas sociolinguísticas, favorece a abertura de turnos longos por parte do entrevistado. Dessa forma, temos uma pergunta aberta feita pelo documentador, e, na sequência, um longo turno de elaboração do discurso pelo entrevistado, pelo próprio fato do roteiro favorecer este tipo de discurso. Do ponto de vista estrutural sequencial, apesar das gravações do *Iboruna* serem consideradas uma interação face a face, pois constituem inquéritos entre documentador e falante, diferem-se do modelo de interação, típico de uma conversa informal, em que há maior ocorrência de trocas de turnos entre os participantes do discurso. Portanto, acreditamos que o tipo de discurso do *Iboruna*, pergunta aberta seguida de resposta longa, propicie determinados usos de hesitações, ou seja, *as expressões hesitativas*, como evidenciado nos resultados para este tipo de hesitação.

Conforme se observa, no modelo de entrevista sociolinguístico, a hesitação ocorre sem perda do turno da fala, algo inverso da interação de uma conversa, pois pausas abrem espaços para exploração do turno de fala, o que leva a Laroche-Bouvy (1984) a afirmar que toda pausa de hesitação silenciosa pode ser explorada por uma ocupação do turno da fala. Assim, em um processo interativo, o processo hesitativo pode afetar o ritmo da interação, porém no processo de entrevista é necessário que um dos participantes mantenha o domínio do turno da fala, e o outro a manutenção da fala, neste último, o entrevistado. Ainda de acordo com Laroche-Bouvy (1984), o participante da entrevista pode lançar mão de duas estratégias, a repetição e a pausa oralizada, sendo que a primeira consiste em repetir palavras, grupos de palavras ou segmentos de enunciados. Já a pausa oralizada é efetivada sob a forma de emissão vocal de elementos não-lexicais e alongamentos vocálicos, que variam conforme o sistema acentual da língua.

Voltando aos dados da Tabela (2) referente à distribuição dos tipos de hesitação, os dados encontrados confirmam que há uma maior ocorrência de

pausas seguidas das repetições hesitativas, o que parece confirmar as palavras de Laroche-Bouvy (1984). Acreditamos que na elaboração do discurso, principalmente, por se tratar de narrativas, o entrevistado não tenha a preocupação da tomada de turno, o que condiz com a alta incidência de dados para pausas não preenchidas e pausas preenchidas, bem como das repetições.

Assim, apesar de haver diferença estatisticamente significativa entre os tipos de hesitações e pouca diferença de uso entre os tipos textuais, a presença ou não de hesitações não se mostram como marcadores de diferentes operadores linguísticos que envolvem um particular tipo de gênero textual. Por outro, as hesitações revelam uma característica do tipo de processo interativo bastante recorrente nas entrevistas sociolinguísticas, sem interferência do tipo de texto solicitado pelo entrevistado. Por fim, o exame das hesitações e as possíveis correlações com os tipos de textos revela que as características linguísticas acionadas a produção da entrevista sociolinguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise desenvolvida neste artigo foi com o intuito de investigar os contextos de uso do processo de hesitações nos tipos de textos do Iboruna, bem como identificar a sistematicidade das hesitações neste corpus e verificar se há tipos mais característicos em cada tipo de texto.

Conforme apresentado, encontramos a ocorrência de diferentes tipos de hesitações na fala do interior paulista (pausas não preenchidas, pausas preenchidas, acúmulos de marcadores discursivos, repetições, fragmento lexical). As pausas não preenchidas são exemplos claros de planejamento do discurso e, desse modo, confirmam os achados de Marcuschi (2006), por sua vez, os resultados diferem da afirmação do autor, o qual indica esta como a mais recorrente em seu estudo, e, aqui, demonstramos que as pausas não preenchidas aparecem como as mais recorrentes. Porém, conforme observamos, na correlação entre tipo de texto e classificação de hesitação, acreditamos que o modelo de entrevista sociolinguístico condiciona tal resultado, em que temos o uso de hesitações sem perda do turno da fala. Também evidenciamos diferentes tipos de repetição como estratégia da manutenção do tópico discursivo, em que a centracidade é uma das características na manutenção do tópico discursivo, e a repetição, por sua vez, contribui para a manutenção desse tópico, conforme os apontamentos feitos por Jubran (2006). Detectamos, ainda, diferentes tipos de usos tipos de hesitações por fragmento. Ainda sobre a sistematicidade das hesitações, vimos que as hesitações, em geral, se constituem de vários elementos acumulados.

Já os resultados para a possibilidade de as hesitações revelarem relação com tipos textuais, os resultados mostram que há certa regularidade de usos de determinadas hesitações com os tipos de textos, sendo as mais frequentes as pausas não preenchidas seguidas das pausas preenchidas, porém observamos que o tipo de entrevista parece fornecer uma predisposição para determinados usos de hesitações. Todavia, aqui lançamos mão de uma hipótese que merece ser investigada, pois estamos realizando um estudo preliminar do processo de hesitação na fala do interior paulista, tema que precisa ser ampliado.

The hesitation process in Portuguese spoken in the northwest region of the state of São Paulo

ABSTRACT

Considering the Textual-Interactive Perspective (JUBRAN, 2006) of the face-to-face interaction studies, in this paper, we investigated the operation of hesitations in semi-spontaneous speech, and the possibility of hesitations presenting a relationship with textual types. The corpus comes from face-to-face interaction recordings, forming surveys between documentary and speaker, coming from Portuguese spoken in the northwest region of the state of São Paulo, which are part of the Iboruna Database of the ALIP project (GOLÇALVES, 2007). The results show that hesitations are related to textual types, and that there is a certain regularity of uses of certain hesitations with the types of texts, with the most frequent being unpaid pauses followed by pauses filled in, but we observe that the type of seems to provide a predisposition for certain uses of hesitations.

KEYWORDS: Textual-interactive perspective. Hesitation. Textual types.

NOTAS

¹ Professor da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), atuando no curso de Letras e no Programa de Pós-graduação em Letras e Linguística (PPLIN), ambos na Faculdade de Formação de Professores. É membro pesquisador dos Grupos de Pesquisa “Discurso & Gramática (UFF) e “Estudos Sociofuncionalistas” (UFMS). Membro do Conselho da ANPOLL (Estudos Linguísticos) e Vice-Coordenador do Grupo de Trabalho de Sociolinguística da ANPOLL. E-mail: mlwiedemer@gmail.com.

² Apesar de Marcuschi considerar que a hesitação não seja uma estratégia de formulação textual, sua ocorrência é verificada com base em um texto, ou seja, o objeto efetivado.

³ Merlo (2006, p. 47) destaca o tipo de texto entre os fatores que interferem na expressão das hesitações.

⁴ Crescitelli (2008, p. 148), sobre o assunto, comenta: “Já a hesitação indicia o processamento textual, não podendo ser vista como disfunção meramente, conforme mostraram amplamente os trabalhos de Marcuschi”.

⁵ O nome *IBORUNA* (= Rio Preto) tem motivação histórica; é um topônimo de origem tupi-guarani que se pretendeu atribuir à cidade de São José do Rio Preto, por ocasião da comemoração do seu cinquentenário, para diferenciá-la de duas outras cidades homônimas de outros estados. A contundente intervenção do episcopado rio-pretano não só impediu a mudança como conquistou de maneira definitiva a denominação primitiva, São José do Rio Preto, reduzida a Rio Preto de 1906 a 1944 (GONÇALVES, 2008).

⁶ Também denominadas de *pausas silenciosas*, e conforme Zellner (1994) são percebidas como uma porção de silêncio no sinal da fala e que podem ocorrer com uma inspiração, expiração, deglutição e reflexo laringo-fonatório.

⁷ Agradeço à Profa. Dra. Clélia Jubran (*in memoriam*) pelas sugestões na elaboração deste quadro.

⁸ Candeia; Vasilescu e Adda-decker. (2005) definem *pausas preenchidas* como segmentos vocálicos alongados presentes em todas as línguas do mundo e que ocorrem com frequência em fala espontânea.

⁹ Segundo Silva e Crescitelli (2006, p. 73) “casos de quebra de palavra constituem hesitações que coocorrem com a interrupção”.

¹⁰ Os dados de fala são integrantes do projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista), que desenvolvido sob os auspícios da FAPESP (Processo n°. 03/08058-6), vem tendo como desdobramento estudos de caracterização do português rio-pretense e da região. Disponível em www.iboruna.ibilce.unesp.br.

¹¹ O número em cada uma das células identifica o perfil social de um informante, resultante do cruzamento das variantes sociais.

¹² No decorrer deste trabalho, seguindo orientação do Projeto ALIP, empregamos os seguintes códigos para a identificação da fonte de onde a ocorrência foi extraída: AC, para identificar a Amostra Censo, seguida do número da amostra (de 01 a 152), do tipo de texto coletado (*narrativa de experiência* (NE), *narrativa recontada* (NR), *relato de descrição* (DE), *relato de opinião* (RO) e *relato de procedimento* (RP)) e do número da linha (L) da ocorrência.

REFERÊNCIAS

CANDEA, Maria; VASILESCU, Ioana; ADDA-DECKER, Martine. Inter- and intra-language acoustic analysis of autonomous fillers. In: DISFLUENCY IN SPONTANEOUS SPEECH WORKSHOP, 5., 2005, France. **Actas...** France, 2005. Disponível em: <http://halshs.archives-ouvertes.fr/docs/00/32/19/14/PDF/candea-vasilescu-adda_diss05.pdf>. Acesso em: 2 mar. 2014.

CHACON, Lourenço; SCHULZ, Geralyn. Duração de pausas em conversas espontâneas de parkinsonianos. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, (39), p. 51-71, 2000.

CHACON, Lourenço; VILLEGA, Cristyane Camargo Sampaio. Hesitações na fala infantil: indícios da complexidade da língua. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, Campinas, v. 54, n. 1, p. 81-95, jan./jun. 2012.

CRESCITELLI, Mercedes Fátima Canha. Hesitação e interrupção do ponto de vista interacional. **Revista Investigações**, Recife, v. 21, n. 2, p. 133-151, jul. 2008.

FÁVERO, Leonor Lopes; ANDRADE, Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira; AQUINO, Zilda Gaspar Oliveira de. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna**. São Paulo: Cortez, 2006.

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. **O português falado na região de São José do Rio Preto**: constituição de um banco de dados anotado para o seu estudo. São Paulo: FAPESP, 2007 (Projeto de Pesquisa, processo 03/08058-6).

GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite. Projeto ALIP (Amostra Linguística do Interior Paulista): questões teóricas e metodológicas sobre constituição de um banco de dados de língua fala. In: TAGNIN, Stella E. O; VALE, Oto Araújo. **Avanços da linguística de corpus no Brasil**. São Paulo: Humanitas, 2008. p. 217-245.

JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi. A perspectiva textual-interativa. In: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português falado no Brasil** – v. 1. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 27-36.

JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.). **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas: Pontes, 2007. p. 313-327.

LABOV, William. **Sociolinguistics Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LAROCHE-BOUVY, Danielle. Les pauses et les silences dans l'interaction verbale. **Langage et Société**, [S. l.], v. 29, p. 27-37, 1984.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Fenômenos intrínsecos da oralidade: hesitação. In.: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 47-70.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MERLO, Sandra. **Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) - UNICAMP, Campinas, 2006.

NASCIMENTO; Julyana Chaves; CHACON, Lourenço. Por uma visão discursiva do fenômeno da hesitação. **Alfa**, São Paulo, v. 50, n. 1, p. 59-76, 2006.

OLIVEIRA, Miguel. The role of pause occurrence and pause duration in the signaling of narrative structure. **Lecture Notes in Computer Science**, Berlin, v. 2389, p. 51-65, 2002.

RISSO, Mercedes Sanfelice. Marcadores discursivos basicamente sequenciadores. In: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português falado no Brasil – v. 1**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 427-496.

SILVA, Maria Cecília Pérez de Souza e Silva; CRESCITELLI, Mercedes Fátima de Canha Crescitelli. Fenômenos intrínsecos da oralidade: interrupção. In.: JUBRAN, Clélia Cândido Spinardi; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça (Org.). **Gramática do português falado no Brasil**. Campinas: Ed. da UNICAMP, 2006. p. 71-86.

SOUZA e SILVA, Maria Cecília Pérez de; KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça, Estratégias de desaceleração do texto falado. In.: KATO, Mary Aizawa. (Org.). **Gramática do português falado** – Volume V: convergências. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, p. 329, 340, 2002.

VIEIRA, Roberta Cristina Rodrigues. Hesitação e referenciação no discurso de um sujeito com doença de Parkinson. **Revista Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 2, p. 259-270, 2009.

VOTRE, Sebastião; OLIVEIRA, Mariangela Rios de. (Coords.) **A língua falada e escrita na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo**. Impresso, 1995

ZELLNER, Brigitte. Pauses and the temporal structure of speech. In: KELLER, Éric (Ed.). **Fundamentals of speech synthesis and speech recognition**. Chichester: John Wiley, 1994. p. 41-62.

Recebido: 28 fev. 2019

Aprovado: 12 mar. 2019

DOI: 10.3895/rl.v21n32.9720

Como citar: WIEDEMER, Marcos Luiz. A correlação entre o processo de hesitação e o tipo textual: aspectos da fala do interior paulista. *R. Letras*, Curitiba, v. 21, n. 32 p. 21-44, mar. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.utfpr.edu.br/rl>>. Acesso em: XXX.

Direito autorial: Este artigo está licenciado sob os termos da Licença Creative Commons-Atribuição 4.0 Internacional.

